

INTERDISCURSO: ESPAÇO DE ENCONTRO DO FACTUAL E DO TEÓRICO DISCURSIVO

Elizabeth FONTOURA DORNELES
Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ)
(dorneles@comnet.com.br)

PALAVRAS INICIAIS

O texto trata da interface lugar social/lugar discursivo. Representa a questão central da tese onde formulo a noção de Lugar Discursivo –LD e aplico-a na análise da dispersão do sujeito.

O interdiscurso ganha destaque pelo fato de que é o espaço de acolhimento do mundo factual discursivizado. Constitui-se assim em observatório privilegiado para dali focarmos movimentos de sentidos/sujeitos na relação com LD já instituídos na formação social.

Os sentidos que formatam o lugar resultam do trabalho de circulação no mundo factual e, por outro lado, ao serem acolhidos na memória dos sentidos vêm formar o conjunto de significantes que, no encontro com o sujeito, ganham corporeidade permitindo a entrada no lugar num processo tangenciado somente pelo aparato teórico-discursivo.

Nessa passagem do pré-construído sobre si mesmo, os enunciados que formatam um LD são submetidos ao processo de articulação que constitui o sujeito em sua relação com o sentido, determinado por uma formação ideológica. Mostro então o interdiscurso como palco da relação do sujeito com lugares discursivos constituídos pelo conjunto das formações ideológicas.

DO ENCONTRO

A formulação da noção de LD apresentou-se como desafio, pois percebia a diferença entre Posição-sujeito e Lugar Discursivo, mas ao mesmo tempo não situava na teoria pontos distintivos. Mesmo tendo partido da explicitação de como os lugares sociais são formatados e ganham visibilidade na formação social, a teorização acerca da noção de LD vem ancorar no interdiscurso.

No percurso, situei em Kehl (2002) a relação mais próxima entre o factual e o discurso. Ela permite relacionar formação social à realidade que se apresenta como o pré-construído sobre o qual novas redes de discursividade se instauram.

Essa realidade, contudo, resulta da historicidade que movimenta os processos sociais. A origem de saberes que se projetam numa formação social pode ser localizável na amplitude da história da humanidade, assim como pode ficar perdida nos tempos. Elas são reguladas por códigos, por manuais de

comportamento, por condutas tradicionais, por práticas sem que, necessariamente, tragam explicitadas as origens. Elas simbolizam o social.

Na perspectiva discursiva, sabemos que o assujeitamento pressupõe a pré-existência de saberes os quais, por um movimento do interdiscurso sobre si mesmo, são recortados e acolhidos numa determinada formação discursiva. Esse grande conjunto de saberes, o interdiscurso, traz as formações sociais discursivizadas para o processo de assujeitamento. É possível entendê-las como a exterioridade que presentifica a ideologia no discurso. O movimento sócio-histórico as constituiu e lhes deu a forma de estrutura sujeita à desestruturação/reestruturação pela ação das práticas sociais, especialmente as discursivas.

Com Althusser, as formações sociais são situadas no seu lugar mais próprio: o marxismo. Em texto onde retoma concepções de Marx acerca da reprodução das condições de produção, ele confirma as formações sociais como efeito das relações de produção, tendo como dominante uma classe. Assim o autor afirma que, para existir, “ Toda formação social, ao mesmo tempo que produz, e para poder produzir, tem que reproduzir as condições de sua produção. Portanto, tem que reproduzir: 1. as forças produtivas; 2. as relações de produção existentes.” (ALTHUSSER, 1969, p.105)

Em Foucault (1969) o factual se apresenta de modo mais próximo ao discursivo, afinando a relação entre lugar e discurso. Ao tratar sobre a formação das modalidades enunciativas, em *Arqueologia do Saber*, ele associa a legitimidade dos discursos ao lugar social de quem os profere e aos lugares de onde provêm os enunciados constitutivos dos discursos. Diz:

A fala médica não pode vir de quem quer que seja; seu valor, sua eficácia, seus próprios poderes terapêuticos e, de maneira geral, sua existência como fala médica não são dissociáveis do personagem definido por status que tem direito de articulá-lo reivindicando para si o poder de conjurar o sofrimento e a morte. (FOUCAULT, 1969, p.58)

Traça um quadro histórico, desde o Século XVIII, acerca dos lugares institucionais que foram agregando-se como geradores de enunciados pertinentes ao discurso médico. Ele aponta para o fato que os enunciados que são convocados na formulação do discurso estão circulando em espaços diversos, mas são resgatados, trazidos à lembrança, por um sujeito cuja legitimidade deve ser *a priori* reconhecida. É o profissional da área da saúde, médico ou paramédico, que está autorizado a reunificar o disperso no hospital, no laboratório ou na *biblioteca*, e ter, então, o poder legítimo de *conjurar o sofrimento e a morte*. Constitui-se esse lugar pela reunificação dos enunciados resgatados de diferentes *bibliotecas*. Elas simbolizam uma memória de enunciados que constituem o lugar enunciativo

do médico. Essas bibliotecas funcionam com guardador dos pré-construídos que, a partir do movimento do enunciador sobre eles, vêm constituir o lugar enunciativo do médico.

Os saberes que lhe conferem legitimidade para fazer o discurso da doença, da saúde ou da morte têm densidade temporal e institucional. Colocar-se no *lugar de* significa relacionar-se com esses saberes e constituir-se numa posição enunciativa. Essa densidade que formou o *a priori* mantém o estatuto de realidade para aquilo que é um efeito de discurso.

Ainda com Foucault, podemos dizer que aí onde, pelas práticas discursivas, resgataram-se enunciados, formou-se o lugar “singular de um sujeito falante(...) Não importa quem fala; mas o que ele diz não é dito de qualquer lugar. É considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade.” (FOUCAULT, 1969, p.142).

O lugar enunciativo será apontado como exterioridade constituída por enunciados que podem *inquietar, agitar* ou fazer reconhecer-se e dar acolhimento a mais um que adere a essa densidade que configura o lugar enunciativo do médico. Foucault permite entender o lugar como espaço de convergência de várias posições enunciativas, as quais vêm reafirmar lugar como um efeito de discurso.

Afinando a noção de LD com a AD, cabe dizer que a primeira referência a lugar que encontramos em AD diz respeito ao lugar social que ocupam os interlocutores e também aos deslocamentos que Pêcheux, em AAD, faz produzirem-se sobre o esquema informacional proposto por Roman Jakobson. O lugar, a partir disso, “designa algo diferente da presença física de organismos humanos individuais” (PÊCHEUX, 1969, p. 82). Os lugares sociais ocupados pelos interlocutores estão representados, mas sob efeitos imaginários. São as imagens que se projetam no espaço ocupado por um e outro. Ali onde cada interlocutor se coloca há uma antecipação dada pelas projeções que se fazem os dois.

Orlandi (1996, 2002), ao tratar sobre argumentação, faz relação entre dois momentos do processo discursivo e a tomada de posição pelo sujeito no que diz respeito ao lugar que se coloca como argumentador. Aponta para a formulação como tempo dessa tomada de posição, que ocorreria quando o sujeito já está sob a ilusão de que tem controle sobre seu dizer, colocando-se, assim, num lugar discursivo sem afetar a posição-sujeito.

Considero importante isso que aponta Orlandi, pois permitiu ver LD com maior estabilidade que a posição-sujeito. Na passagem pela Física de Aristóteles cheguei a concluir que o lugar e a coisa ocupante são simultâneos, mas mantendo-se a singularidade de cada um. Unindo o que vem de dois horizontes teóricos bastante distintos, foi possível sustentar então uma das diferenças entre o LD e a posição-sujeito.

Procurando enfatizar a relação entre factual e teórico-discursivo, cabe retomar a formação social como a estrutura a partir da qual é dado a observar a realidade. Ela é a forma que ganham os objetos constituídos nos processos perpassados pelo ideológico e pelo imaginário. É na Formação Social que os processos discursivos depositam transitoriamente seus efeitos.

No contexto das quatro formações –social, ideológica, imaginária, discursiva, pode-se lhe atribuir o caráter de espaço onde o ideológico, pelas práticas sociais discursivas ou não-discursivas, se consuma. Nesse sentido, é na Formação Social que os objetos cristalizados, os sentidos constituídos são incorporados e instituídos como realidade que permanece com aparente estabilidade lógica. Podemos dizer que nelas os sentidos se transformam em lugares que são apontados aos sujeitos. Como objetos formatados e estáveis, ganham estatuto de lugar social, mas guardam a heterogeneidade discursiva, as lacunas, os espaços de dispersão que os constitui.

E nessa perspectiva que considero o *LD* como estrutura, pré-construído, realidade com a qual o sujeito se relaciona e a partir do que se constitui em diferentes posições. O assujeitamento tem sempre uma materialidade lingüística – o significante que representa o sujeito para outro significante¹ – tomada como ponto que permite ao sujeito reconhecer-se. Pêcheux, em Herbert (1968, p.75), nos mostra que a determinação de um lugar para o sujeito, na cadeia dos significantes, é um mecanismo de identificação que outra coisa não é “senão um efeito de sociedade.” Os mecanismos ideológicos simulam para o sujeito o valor de verdade daquilo que é apenas um efeito de sentidos que instituiu lugares e, “através do “hábito” e do “uso, está designando, ao mesmo tempo, o que é e o que deve ser” (PÊCHEUX, 1975, p.159).

Com isso, retomamos o fato que a constituição do sujeito dá-se em relação ao Outro que lhe é exterior. É no conjunto de discursos, no interdiscurso, que algo fala antes e se constituem conjuntos estratificados de sentidos, os quais são materialidade simbólica daquilo que se apresenta como realidade e como garantia para outras formulações serem interpretadas.

Assim, o que aparenta ser novo já vem determinado pelo conjunto complexo das formações ideológicas e emerge numa determinada formação discursiva.

O interdiscurso que forma um *LD* traz o conjunto de [E] constituído por diferentes formações ideológicas. Ele, com sua densidade, formata e dá configuração à matriz simbólica do lugar que é apontado ao sujeito como realidade. Carrega o conjunto de significantes que, no encontro com o sujeito,

¹ A afirmação é de Lacan. Pêcheux, ao trazê-la para a *AD*, vai aproximá-la da ideologia, a partir da relação com a Formação Discursiva. Os significantes estão aí apontando para outros, como seres que buscam pares, estão descarnados, sem sentido, e só vêm adquiri-lo na relação com os outros significantes. É um processo metafórico, onde a semantização de um está sempre na relação com aquilo que constitui uma formação discursiva.

ganham corporeidade permitindo a entrada no lugar, a partir do reconhecimento que funda o trabalho de desestruturação/reestruturação, quando então, naquele lugar já instituído, o sujeito pode movimentar-se e constituir-se em posições-sujeito.

O reconhecimento do lugar que é dado a ocupar, como mostrei, funda a constituição de posições que são efeito da passagem do discurso-transverso, o movimento do pré-construído sobre si mesmo. Nessa passagem, os enunciados que formatam o LD são submetidos ao processo de articulação que constitui o sujeito em sua relação com o sentido determinado por uma formação ideológica. Esse processo pode tomar duas formas: a da equivalência e a da implicação.

Pêcheux (1975, p.159-185) explicitando questões do assujeitamento e em especial tratando sobre a forma-sujeito do discurso, nos permite entender a equivalência como forma onde, pela articulação, se faz apenas o reconhecimento daquilo que é apresentado como pré-construído. O sujeito coloca-se no lugar que lhe é apontado sem interrogar, sem contrapor-se a isso que é dado como realidade. Seria tomar os significantes em si mesmo sem relacioná-los à materialidade histórica que lhes dá sentido.

Já, na implicação ocorreria a seleção de sentidos, os significantes não seriam apenas identificados, mas contrapostos aos diferentes sentidos. Aquilo que é apresentado faz o encadeamento com o que já constituía o sujeito desde-sempre sujeito, fazendo constituir-se posições-sujeito na relação com o LD que é apresentado.

A articulação, sob essas duas formas, constitui o sujeito em posições que se consomem na formulação. Aqui os significantes selecionados pela articulação carregam, num jogo metonímico, o LD com sentidos próprios a uma formação discursiva. A materialidade lingüística traz então a espessura discursiva, mas também um ocupante do lugar com especificidade própria à FD que lhe é dominante.

Com essa passagem pelo assujeitamento nos parece termos situado o LD no seu funcionamento em relação ao processo. Entretanto ainda é necessário situá-lo como realidade que circula na Formação Social.

As considerações de Kehl (2002) apontaram para a Formação Social como lugar onde os objetos constituídos nas redes de discursividade são acolhidos e têm visibilidade na forma de fronteiras que não vêm só de uma formação discursiva, são do domínio da formação social. Elas são os marcos visíveis que constituem o pré-construído sobre o qual o ideológico e o imaginário trabalham, logo, trazem implicadas as outras formações cuja força constitutiva decorre desse intrincamento onde o social, o imaginário, o ideológico e o lingüístico produzem objetos que ganham visibilidade na possibilidade da sua própria invisibilidade. O todo nunca se mostra.

Isso então que se mostra como tão real se (in)trinca no encontro com o sujeito e aí constitui-se uma materialidade só acessável pelo trabalho analítico. Nisso está uma diferença fundamental das posições-sujeito em relação ao LD, pois elas só são acessadas através de dispositivo – teórico e analítico – que nos permite entrar nos processos discursivos e buscar ali os fios, o entrelaçamento de discursos que veio constituir sentidos/sujeitos.

Na Formação Social, o reconhecimento do LD dá-se a partir do discurso posto em circulação e constituído sob a dominância de diferentes formações ideológicas. Ser situado no LD não significa assunção de posição-sujeito. São movimentos distintos: um, é da ordem da circulação de discursos, que foi estratificando, cristalizando sentidos que são reconhecidos como realidade, pré-construído; e o outro, é da ordem da constituição, onde o já-dado é ponto de partida para que outros sentidos/sujeitos venham existir.

SÍNTESE

O resumo das características do LD e a contraposição com as da posição-sujeito ficam postas como forma que permite avançar em direção à localização do espaço de (des)encontro entre o factual e o teórico-discursivo.

LUGAR DISCURSIVO – LD	POSIÇÃO-SUJEITO – PS
<ul style="list-style-type: none"> – Espaço virtual com possibilidade de ser ocupado – Espaço de reunificação do disperso – Espaço heterogêneo, constituído no conjunto de discursos circulantes na Formação Social – Identificação entre lugar e seu ocupante não é condição necessária para a ocupação se efetuar – Estabilidade maior, lugares estratificados – Visibilidade no mundo factual – Instituído pela Circulação dos discursos – Pré-construído – Efeito discursivo 	<ul style="list-style-type: none"> – Posição preenchida no ato da constituição – Espaço de dispersão do sujeito – Espaço homogêneo, constituído sob dominância de uma FD – Identificação com a Forma-sujeito como condição necessária de existência – Estabilidade menor, podem vir a ser de pouca duração – Acessibilidade só pelos dispositivos teórico e analítico – Emergência na constituição e formulação do discurso – Atualidade – Efeito discursivo

BIBLIOGRAFIA

1. ALTHUSSER, Louis. (1969) **Aparelhos Ideológicos do Estado**. In: ŽIŽEK, Slavoj (Org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
2. _____ . Observação sobre uma categoria: “Processo sem sujeito nem fim(s)” In: **Posições**, Graal, 1978.
3. FOUCAULT, Michel. (1969). **Arqueologia do Saber**. 4 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
4. HERBERT, Thomas. (1968). Observações para uma teoria geral das ideologias. In: **Rua**. Campinas, 1995, 1: 63-89.
5. KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
6. ORLANDI, Eni Puccinelli. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.
7. _____ . **Língua e Conhecimento Lingüístico: para uma história das idéias no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.
8. PÊCHEUX, Michel. (1975). **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2 ed. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1995.
9. _____ . (1969). Análise Automática do Discurso (AAD-69). In: GADET & HAK (Org). **Por uma Análise Automática do Discurso**. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1993.